



---

**O SABER METALINGUÍSTICO NAS AULAS DE PORTUGUÊS INSTRUMENTAL:  
O TRABALHO COM GRAMÁTICA APLICADA À PRODUÇÃO TEXTUAL**

**Patricia Ferreira Botelho**

*Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Docente do UGB/ERP*

**Dados de identificação**

Este trabalho pretende apresentar os módulos componentes dos cursos de Língua Portuguesa instrumental, integrantes dos módulos iniciais dos cursos de graduação no UGB. Este trabalho se constituiu com base nas experiências vivenciadas na disciplina de Português Instrumental, ministrada tanto nas turmas de primeiro período dos cursos de Letras e História como também na turma de quarto período do curso de Arquitetura.

**Objetivos da ação**

A aula de Língua Portuguesa instrumental objetiva promover a formação profissional e científica do acadêmico, ao mesmo tempo em que contribui para o aprimoramento das competências relativas à leitura e produção textual, como aliadas à proposta de letramento linguístico concernente ao ensino superior.

**Conteúdos trabalhados**

Por que ensinar estudantes de nível universitário a ler e a escrever? Não são atribuições dos ensinos básico, fundamental e médio? Por que analisar o processo de ensino-aprendizagem que se inicia com a leitura e se estende à escrita científica em cursos específicos de negócios? Nos últimos anos, pesquisadores de países centrais e periféricos, como o Brasil, têm demonstrado grande preocupação em relação à leitura e à escrita científicas. Os estudantes recém-chegados na universidade apresentam resistências na produção de gêneros recorrentes ao ensino universitário: sinopse, fichamento, resenha, resumo, gráficos, tabelas, entre outros. Vale ressaltar que esse cenário têm se tornado comum em todas as instituições, inclusive nas públicas; a diferença de comportamento entre os alunos



reside no grau de excelência de ensino de uma instituição *versus* instituições de baixa qualidade de ensino – considerando que os melhores alunos são selecionados para as melhores universidades, restando aqueles com desempenho ruim ou abaixo de determinado nível instituído para as demais instituições.

Seguem-se os pressupostos teórico-metodológicos norteadores da proposta de ensino e pesquisa, embaixadores tanto da formação do professor de Língua Portuguesa quanto dos alunos integrantes de cada curso. Tais pressupostos fundamentam-se nas teorias e pesquisas linguísticas mais recentes, aplicadas às práticas da leitura, redação e uso da língua. Desse diálogo, nascem discussões que redundam em metodologia de ensino. A apresentação deste trabalho inclui a descrição de alguns procedimentos desenvolvidos na prática do ensino em cada curso.

### **Procedimentos**

Cada curso é orientado sob a prerrogativa de crítica e de reflexão sobre o ensino, com aplicação didática de conteúdos teóricos proposta pelo docente e com o incentivo à análise crítica dos resultados obtidos em cada aula – realizada por cada aluno do curso. Tal procedimento visa ao desenvolvimento de ações de autoanálise dos alunos sobre o seu próprio fazer como discente do curso, enxergando a língua portuguesa como ferramenta que sirva como suporte acadêmico como, por exemplo, na apresentação de atividades requeridas em todo o curso, e, também, profissional, pois, na nossa perspectiva, a linguagem é um aparato relevante para a realização de qualquer atividade social e cultural, conforme o conceito de letramento linguístico – como prática social de leitura e escrita – já exposto por Bunzen e Mendonça (2006).

Como professora-pesquisadora em Língua Portuguesa, preocupada com o desenvolvimento linguístico e as práticas relativas ao uso da linguagem pelos alunos, há uma forte preocupação com as práticas leitoras dos nossos alunos, mas, de modo incisivo, as questões que embasam a produção escrita e os conceitos tanto gramaticais quanto textuais que sobre ela incidem. Acreditamos, entretanto, que um olhar mais apurado sobre a natureza das disjunções e das quebras dos padrões linguísticos normativos observados nas produções acadêmicas desses alunos, poderão nos conduzir à compreensão de que o ponto crucial da



questão não está numa possível inadequação da produção de textos, pois, a princípio, ninguém fala melhor nossa língua materna do que nós, os próprios falantes de português, mas sim no reconhecimento de que esses mesmos falantes podem cometer inadequações em termos dos usos e das funções da escrita enquanto prática social, nas situações comunicativas em cada contexto.

Como ferramenta para aprimorar as capacidades leitoras e de produção textual dos alunos na disciplina Português Instrumental, tenho apresentado como proposta atividades que explorem o desenvolvimento do saber metalinguístico nos alunos, tendo em vista a reflexão sobre a língua e sobre os mecanismos do seu emprego para estabelecimento da comunicação.

Vale ressaltar que o termo “meta” é empregado para designar o conhecimento e controle intencional por parte do aprendiz de sua própria atividade cognitiva e, portanto, a metalinguagem, na perspectiva teórica que embasa este trabalho, se refere à cognição sobre a linguagem e à autorregulação das atividades escolares. No trabalho com a disciplina Português Instrumental, a metalinguagem envolve diversas competências: a) a reflexão sobre a linguagem, considerada como objeto independente do significado que veicula e b) manipulação intencional das estruturas linguísticas (Garton & Pratt, 1990; Gombert, 1993).

## **Resultados**

Tendo como premissa de que todo indivíduo ou nicho social adquiriu, via escolarização, certo conhecimento tanto sobre a escrita como também de seu emprego nas práticas sociais, podemos conceber que os alunos que adentram na Universidade, são, antes de qualquer coisa, sujeitos e, portanto, pessoas letradas que trazem consigo conhecimentos prévios de leitura e escrita construídas numa vida relacionada a um contexto social. Entretanto, mesmo letrados, muitos deles não conseguem apresentar desempenho satisfatório na universidade ou, quando alcançam tal performance, acaba por ser justificada pelo senso comum de aquisição de conhecimento em nível de mediocridade. Em outros dizeres, pensam no trabalho com conteúdos insuficientes e avaliações pouco honestas para o que se exige. Vale a pergunta: o que fazer em via de uma melhoria qualitativa na formação desse aluno “letrado”?

Cabe aqui uma proposta de desenvolvimento de um letramento acadêmico que promova tanto o reconhecimento gramatical da língua, como também os usos que se deve fazer desse



conhecimento, atrelando-o a uma prática social de linguagem, com objetivos pré-estabelecidos para o aluno durante as atividades do curso. O letramento acadêmico a ser adotado, enquanto uma das modalidades de letramento, nos pressupostos de Soares (2004). Como docente, é importante reconhecer que o saber teórico precisa ser empregado em via de adequação às realidades apresentadas pelos alunos. O contexto apresentado por cada atividade proposta é, muitas vezes, distinto do que encontramos na realidade escolar; além disso, o domínio acadêmico apresenta características peculiares, logo, a aula de língua portuguesa instrumental é bastante delicada ao se pensar na adaptação de cada fazer ao que será totalmente – ou parcialmente – aplicável à sua formação acadêmica, pensando, inclusive, em todas as questões advindas de sua formação. Nesse sentido, penso que o estudante está ingressando em um contexto próprio de atuação social e linguística, portanto, há um grande esforço a ser empregado por ele mesmo em sua adaptação, mas, como docente, reconheço que cada atividade e discussão proposta deva fornecer mecanismos viabilizadores no processo de aprendizagem de uma nova prática languageira: a linguagem acadêmica.

Pensando a vivência docente nos cursos de Língua Portuguesa Instrumental ministrados, vale refletir sobre a necessidade de se olhar para o aluno como o outro que está engajado no espaço acadêmico em busca de trocas que promovam construções significativas à formação de ambos – professor e aluno. Nessa trajetória, muitos desafios são impostos, seja por dificuldades na formação anterior do aluno, seja nas questões que se apresentam frente aos novos conhecimentos apresentados e exigidos pela linguagem acadêmica, o que nos requer certa decodificação oriunda da relação ensino-aprendizagem desse tipo de linguagem, extraíndo o conhecimento prévio desses aprendizes. Em termos metodológicos, essa trajetória docente requer uma atuação que perceba nos alunos, dificuldades de acesso, aprendizagem ou de apreensão da linguagem acadêmica sozinhos, para, como reais professores, auxiliá-los na construção de meios para alcance dos objetivos propostos de emprego da linguagem, a fim de torná-los sujeitos autônomos para construção de novos saberes mediante o contato com práticas de linguagem no universo acadêmico. Nesse sentido, vale retomar o conceito de ensino dialógico já propagado por Freire (2005) e Bakhtin (1990), em que a produção de linguagem é vista como condição de promoção da liberdade, como caminho de geração de autonomia do aprendiz. Em busca desse projeto de formação acadêmica, o docente precisa atuar como alguém que, em interação com o aluno, vislumbre potenciais a serem explorados



por cada prática social de linguagem proposta em meio ao curso ministrado, visando, em termos maiores, à formação de um profissional autônomo, confiante e engajado com sua atuação social.

**Referências Bibliográficas:**

ANTUNES, I. (2006). Avaliação da produção textual no ensino médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.) (2006). *Português no ensino médio e formação do professor*. SP: Parábola Editorial.

BAKHTIN, M. *Estética de la creación verbal*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1990.

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs.) (2006). *Português no ensino médio e formação do professor*. SP: Parábola Editorial.

COELHO, I. L. et al. (2015). *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto.

CUNHA, Jaeder Fernandes. *Letramento Acadêmico: Reflexão e Algumas considerações sobre cursos de negócios em faculdades privadas populares*. Londrina: SIGNUM: Estud. Ling., n. 15/2, p. 129-151, dez. 2012.

DELL'ISOLA, R. L. P. (2007) *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna.

DIONÍSIO, A. P. et al. (2010). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.

FREIRE, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, M.; TORRES, C. A. *Educação popular: utopia latinoamericana*. São Paulo: Cortez; EDUSP, 1994.

GARTON, A. & PRATT, C. (1990). *Learning to be literate: The development of spoken & written language*. Oxford: Blackwell.

GOMBERT, J. (1993). Metacognition, metalanguage and metapragmatics. *International Journal of Psychology*, 28(5), 571-580.

KLEIMAN, A. B (1995). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

LIBERATO, Yara e FULGÊNCIO, Lúcia. (2007). *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. SP: Contexto.

PLATÃO, F.; FIORIN, J. L. (1996). *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática.

SOARES, M. B. (2004). *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Pátio, n. 29, fev. Disponível em:

## IV Simpósio de Pesquisa e Práticas Pedagógicas dos Docentes do UGB

### ANAIS - 2016



---

<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2012.